

**VI Encontro Nacional de Estudos do Consumo
II Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Vida Sustentável: práticas cotidianas de consumo
12, 13 e 14 de setembro de 2012 - Rio de Janeiro/RJ**

**CASA NOVA, VIDA NOVA! CONSUMO, DESPESAS E ENDIVIDAMENTO EM
FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA**

Shirley Alves Torquato¹

Resumo

Esta pesquisa consiste em analisar as mudanças de estilos de vida, de consumo e sobretudo as novas despesas domésticas dos ex moradores da Favela do Preventório, que desde 2010 foram contemplados com apartamentos construídos pelo governo brasileiro através do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Tais moradores viviam em áreas de risco ou de proteção ambiental na favela e por isso foram removidos. A presente mudança, trouxe a segurança de uma moradia, mas trouxe também novas despesas (condomínio, luz e água) e o estímulo em comprar novos utensílios e mobiliário domésticos que fizessem jus “à nova vida” (sic.).

Palavras-chave: casa, despesas, endividamento

¹ Doutoranda em Antropologia na Universidade Federal Fluminense(UFF)
Bolsista sanduiche Capes-Cofecub na EHESS-École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, France
Pesquisadora do Laboratório de Etnografia Metropolitana- LE METRO
Pesquisadora do Nucleo de Estudos da Modernidade- NEMO
Email. stshirleytorquato1@gmail.com

Introdução

Os estudos sobre consumo na sociedade brasileira aos poucos vem deixando de fazer parte de uma arena disprivilegiada na academia para ser ao contrário, o *locus* por excelência para observar e analisar fenômenos e preocupações sociais cada vez mais suscitadas na contemporaneidade, uma vez que problematiza temas que estão na pauta do dia, como sustentabilidade, meio ambiente, endividamento e crise econômica mundial.

De acordo com a leitura de Campbel (2002), o consumo moderno tem se consolidado a partir de novas éticas do trabalho e na democratização de certos valores dentre os quais está a idéia do conforto, do bem estar e da estética, elementos esses, que nos últimos anos na sociedade brasileira deixaram de ser privilégio de grupos sociais mais abastados. Tal fenômeno trouxe à tona uma série de discussões midiáticas e acadêmicas, e o questionamento sobre uma nova moralidade em relação à novas formas de consumir, baseada principalmente no crédito parcelado e no possível aumento do endividamento dos indivíduos.

Diante de tais mudanças, economistas e profissionais de institutos de pesquisa cogitam a formação de uma suposta nova “classe” de consumidores, atualmente chamada “Nova Classe Média”. Esta teria se consolidado ao longo dos anos 2000 a partir das políticas de aumento da renda da população e ao incremento do crédito parcelado ao consumidor, sobretudo aos indivíduos das classe D e E, que teriam migrado para uma nova classe (a classe C). Esta fórmula teria propiciado a aquisição de bens e serviços até então mais dificultosas para indivíduos pertencentes a estes segmentos. (Neri, 2010).

É válido ressaltar que nesta política de estímulo ao consumo de bens e serviços, sobretudo para famílias de menor poder aquisitivo, está também o investimento público em habitações populares ou à juros abaixo dos valores de mercado, através do *Minha casa Minha Vida* (programa federal que funciona em parceria com estados, municípios e empresas privadas) ou através da política de urbanização de favelas, com remoções de famílias em condições de maior precariedade domiciliar, para apartamentos ou casas populares, construídos via de regra, nas proximidades da antiga moradia, afim de minimizar o ônus aos moradores quanto aos impactos socio-espaciais da mudança.

Para analisar tais questões e associá-las ao universo do consumo doméstico, foi realizado um trabalho de campo de oito meses num conjunto de habitações populares construído com recursos do governo federal, através do Programa de Aceleração do Crescimento(PAC). Projeto que consiste em estimular o desenvolvimento econômico(sic.) a partir do investimento em obras de infraestrutura (portos, rodovias,

aeroportos, redes de esgoto, geração de energia, hidrovias, ferrovias e habitações populares).

Pretende-se aqui observar a transição vivida por ex-moradores de favelas que passaram a morar em apartamentos do PAC e que vivenciam um processo de incorporação de um novo estilo de vida, associado principalmente à adoção de novas estéticas no interior e no exterior dos apartamentos, bem como às novas relações com a vizinhança e às despesas recentemente incorporadas.

Ao adentrar no universo cotidiano da casa, local que é o mundo privado e da intimidade, examinamos o investimento financeiro que o simples ato de habitar demanda e impõe, mesmo às famílias de origens sociais mais humildes.

A localidade em questão é o PAC do Preventório, onde as intervenções do governo ocorreram entre 2008 e 2011. Lá, houve a realocação de famílias que residiam em áreas de risco de desabamento ou de proteção ambiental na Favela do Preventório. Os prédios foram construídos exatamente em terrenos em frente ao Morro. Ao todo são três blocos com 248 apartamentos nomeados: Preventório I, Preventório II e Preventório III. As novas moradias possuem dois quartos, sala, cozinha, banheiro e uma pequena área de serviço, distribuídos em cerca de 45 metros quadrados. A média salarial das famílias contempladas é de até dois salários mínimos, ou seja, 1250 reais.

Analisaremos como a mudança de endereço se repercutiu na qualidade de vida de tais moradores, uma vez que além da geração de novas despesas, houve de maneira concomitante um aumento no investimento em mobiliário, eletrodomésticos e decoração das casas, o que demonstra a princípio o interesse em manter um bem estar doméstico, até então inexistente para muitos ou tido como inatingível pela maioria destes. Nesse sentido, procuramos também identificar se o aumento de compra de bens para o lar aliado às novas despesas, resultou em endividamento para essas famílias.

1-Transição de moradia e de estilos de vida

De acordo com dados do censo de 2010 do IBGE, o Morro do Preventório é a maior favela de Niterói em número de residências e de moradores. No entanto, além de se destacar numericamente, também possui uma série de particularidades, uma vez que está localizada numa área extremamente valorizada em termos imobiliários da cidade: próximo a casarões, de restaurantes e exatamente em frente à uma praia da Baía de Guanabara, que recebe o mesmo nome do bairro, Charitas, e à Estação hidroviária do Catamarã que faz a travessia Charitas-Praça Quinze-Charitas.

Este trecho da praia é conhecido também por abrigar muitos projetos sociais bem sucedidos principalmente ligados à esportes e alguns deles idealizados por campeões olímpicos renomados que vivem ou que viveram na cidade, como a triatleta Fernanda Keller e os irmãos velejadores Lars e Torben Grael. Os moradores do Morro

do Preventório e conseqüentemente do PAC-Preventório são o público alvo de tais projetos.

É válido ressaltar que foi no Morro do Preventório que ocorreu a primeira experiência do “Programa Saúde da família”, modelo de medicina preventiva originalmente criado em Cuba e “importado” para a localidade no ano de 1992 ocasião em que havia uma onda de Dengue na cidade e a prefeitura estabeleceu laços com o governo cubano resolvendo pôr em prática tal modelo.

Tais exemplos nos indicam que esta é uma região que acolhe experiências pioneiras que acabam servindo como referência a outras cidades do país, além disso, nos revela que por ser uma área valorizada e que se avizinha a muitas belezas naturais e à forte presença do poder público (através de hospitais públicos, Delegacia de polícia e serviço do Corpo de bombeiros), o impacto de políticas públicas bem sucedidas acabam tomando um vulto positivo muito maior.

O anúncio da emergência na mudança de endereço para os moradores foi recebido de diferentes maneiras. Alguns, como Denise, não acreditavam que isso pudesse acontecer de fato. *“No início quando eles falaram que a gente ia pros apartamentos eu não acreditei. Achei que era bom demais pra ser verdade. Mas depois quando eles começaram as obras é que fui acreditar mesmo e aí comecei a me planejar pra comprar as coisas novas pra minha nova casa”*, outros, como Daniela, começaram a ver a situação como um pesadelo pois iriam adquirir novas despesas, como a conta de condomínio, de luz e de água.

Eu vou dizer pra você: nunca mais tive paz na minha vida! Eu agora tenho um monte de conta pra pagar e fico sem saber o que fazer porque eu não trabalho, tenho dois filhos pequenos e o pai deles não mora comigo, só me paga uma pensão de 200 reais que é dinheiro que eu tenho pro mês inteiro. Então eu tenho sempre que escolher se eu vou dar comida pros meus filhos ou se vou pagar o condomínio. E é claro que eu vou dar comida pros meus filhos! Eu preferia ter ficado quieta lá em cima, mas destruíram a minha casa, então nem posso voltar. (Daniela)

Ainda que não tenha sido o caso de Daniela, muitos chefes de família logo após serem contemplados com o apartamento, o trocaram por casas com outras famílias que continuaram no morro, e as principais motivações para esta troca foram: não se habituarem a morar em apartamentos com espaços e regras limitados e pelo receio ou dificuldade em assumir despesas fixas no condomínio.

Seu José foi um dos moradores que após três meses morando num dos apartamentos, tendo sido inclusive síndico por quase um ano, optou pela troca:

“Eu não aguentei aquilo não. As pessoas eram muito mal educadas. Não estão acostumadas a viverem juntos das outras. Parecia uma favela. Era barulho o dia inteiro e uma total falta de privacidade. Quer saber de uma coisa ? Eles saíram da favela mas a favela não saiu deles. Sem contar que no morro eu tinha um monte de bichos que eu criava com todo carinho e tive que sair dando por aí porque não tinha condições de trazer tudo comigo pro apartamento.”

Simone, apesar de achar caro as despesas adquiridas diz que passou a se sentir muito melhor desde que foi para o apartamento e acha que todo “sacrifício” que está fazendo vale à pena e valerá à pena: “Eu vou poder deixar alguma coisa segura pros meus filhos”.

2. Consumo doméstico e estetização da casa

Mudar de residência sem dúvida implica num processo de readaptação e internalização de novos hábitos, no entanto, sair de uma moradia precária e ir para um apartamento, favorece o sentimento de “mudança de vida” (termo bastante utilizado pelos interlocutores no campo) e estimula novas representações sobre si mesmo e sobre o outro.

No Brasil, a casa é um dos principais referenciais de investimentos em termos de compras de bens e de preocupações quanto à despesas e dívidas. Através das falas dos interlocutores ficou claro que antes da mudança, o gasto mensal era quase que exclusivamente ligado ao consumo alimentar e aos produtos de limpeza.

Neste artigo elegi cinco interlocutores dos mais de sessenta que acompanhei, para demonstrar o quanto a mudança de referencial espacial alterou a rotina e o olhar sobre si mesmo, principalmente a partir de uma nova forma de consumir e de lidar com as despesas. Seus nomes ao longo do texto foram alterados.

Não foram poucas as vezes em que cheguei ao campo e deparei-me com caminhões de entrega de eletrodomésticos e mobílias de lojas como a *Casas Bahia*. Certa vez eu ouvi de um síndico que falou num tom jocoso acompanhado por risos: “As *Casas Bahia* vão viver a história de maior calote de sua existência pois o que tem de gente que saiu do morro e começou a comprar direto lá, não tá no gibi!

Na verdade foi uma brincadeira que instigou-me curiosidades. Ao longo do trabalho de campo, cada morador entrevistado dizia ter comprado após a mudança, ao menos um item doméstico na *Casas Bahia*. Alguns deles diziam ter ficado com “nome sujo” lá por não terem conseguido pagar integralmente o número das prestações. Outros, já estavam com o nome sujo antes mesmo de irem para os apartamentos. No entanto, aqueles que estavam com as contas sob controle, guardavam com orgulho os carnês com as mensalidades pagas.

2.1 Crisântemo

Ao entrar pelo portão principal do Preventório I me deparo com crianças brincando pelos corredores e ao olhar em direção ao primeiro bloco de apartamentos vejo encostado sob a janela um senhor que também observava de forma calma e tranquila o movimento delas. Era o Seu Crisântemo de 55 anos (embora aparentasse dez anos a mais, no mínimo), solteiro, sem filhos e ascensorista desempregado. Ficamos um bom tempo conversando. Eu no corredor e ele na sua janela, até que ele me convida para entrar em sua casa. Sobre a mudança de residência ele então comenta:

É mais caro, mas é muito melhor viver aqui. Vale a pena. Principalmente porque eu tenho problema de poliomelite então aqui em baixo fica mais fácil porque eu não preciso subir muito. Eu já moro aqui há vinte anos e subia o morro esse tempo todo. Antes eu morava no Borel, na Tijuca e tinha muita bala perdida lá. Era comunidade também, mas era mais baixo. Eu descobri esse lugar aqui porque eu vim num aniversário da filha de um amigo do trabalho e achei isso aqui um paraíso. Eu adorei. E falei pra ele me avisar quando tivesse alguma casa pra comprar por aqui. E ele me disse. Comprei um barraquinho na época por 300 cruzeiros, de pau a pique. Até que teve um dia que um cavalo encostou na casa e a parede caiu. Aí eu fui pra casa da minha tia adotiva que morava aqui. Depois eu fui e comprei um barraquinho atrás da casa dela. Até que o PAC veio e cadastrou a gente.

O apartamento em que mora é bem equipado, arrumado e com odor de limpeza. Na sala tem uma televisão de vinte polegadas, um aparelho de DVD e ao lado um aparelho de som sobre um rack em madeira compensada. Na cozinha há um microondas e uma geladeira que brilham de tão novos. As panelas são de aço inoxidável e com tampas de vidro, de excelente qualidade. Após mostrar a sala, seu Crisântemo me apresenta também o seu quarto: nele há uma cama box de casal (em madeira compensada), um armário em madeira bem antigo, que ganhou da amiga de sua

“madrinha” e uma geladeira antiga, que não funciona, e que ele usa como armário. No chão, uma televisão e um ar condicionado que não funcionam mais e sobre a janela uma cortina improvisada feita de lençol. No banheiro fica a máquina de lavar, também nova.

Antes que ele me explicasse a procedência de tais bens, eu me questionei rapidamente como esse senhor poderia ter comprado estas coisas estando desempregado há dois anos e tendo ainda que dar conta das despesas. Ele parecendo ler meus pensamentos explica imediatamente:

Esse sofá meu padrinho me deu, o micro-ondas foi a minha madrinha, a geladeira foi a AMPLA, a televisão eu ganhei da irmã da minha madrinha e o aparelho de som já tinha, as cadeiras também ganhei, o rac e aquela bancada foi ganhada. Tudo foi ganhado. A única coisa que eu comprei foi a cama box.

AMPLA é a empresa concessionária de energia elétrica responsável pelo setor no município de Niterói. Antes e depois da entrega dos apartamentos ela em conjunto com o setor de serviço social da construtora dos prédios Delta, patrocinou um ciclo palestras bem humoradas chamadas “Educação para o consumo consciente”, uma espécie de “processo civilizador” para os moradores, “aprenderem” formas de economizar energia elétrica, uma vez que maioria deles não tinham relógio de luz regularizado em suas casas e por isso não tinham o costume de racionalizá-la. Faziam ligações clandestinas em sua maioria. Em algumas situações o morador requeria através da prefeitura e da própria AMPLA a regularização da mesma, mas poucos eram os que recebiam resposta; em muitas situações o próprio morador não fazia questão desta regularização para não pagar a conta considerada alta e com isso usufruir dos benefícios da energia elétrica. A troca de geladeiras ocorreu a partir de critérios adotados pela empresa de energia, no qual as famílias deveriam se cadastrar, comprovar baixa renda e possuir geladeiras antigas com alto consumo de energia

Por meio dos projetos que trabalham de modo educativo, tomando como parâmetro a premissa que o furto e energia elétrica e inadimplência é “algo cultural” (como a empresa entende e prega), a expectativa é que ambos possam ser resolvidos pela tecnologia combativa e educação. A concessionária aposta em palestras nas comunidades que ensinem o valor da energia elétrica e seu uso eficiente aos consumidores. (YACCOUB, 2010, p.105)

Após conhecer o apartamento de Crisântemo, de imediato começo a pensar na questão da dívida e no que faz pessoas darem coisas e prestarem favores à outras mesmo sem conhecê-las direito. Parece inevitável questionar também o motivo destas coisas terem sido dadas somente neste momento e não enquanto ele morava no morro numa situação de grande precariedade.

De acordo com Mauss (2003) a obrigação moral coletiva que envolve o conjunto de membros de uma sociedade, pressupõe aspectos diversos que podem no caso da troca de mercadorias ter como retorno legítimo um mero sorriso de agradecimento. Essa idéia rompe com o princípio do *homo economicus*.

Nesse sentido, as palavras do morador deixam latente a idéia presente no senso comum de que uma nova espacialidade constrói novas necessidades de bens:

Ah, lá não tinha necessidade de ter essas coisas todas, e se eu fosse colocar tudo lá em cima eu ia ter que dormir do lado de fora porque não tinha espaço! As pessoas me deram as coisas sem eu pedir, uma vizinha me deu também uma bancada azul. Antes a minha casa era menor do que o meu atual banheiro. Essa mudança só está um pouco puxada porque eu tô desempregado. Se não fosse o meu padrinho, que tem uma condição financeira boa, e que tá me ajudando a pagar as contas eu não estaria conseguindo. Ele ajuda a pagar minha luz e meu gás.

Antes de se mudar para o apartamento Crisântemo menciona que seu nome já encontrava-se no Serviço de Proteção ao Crédito- SPC, pois há três anos havia comprado uma máquina de lavar e dividido o pagamento em dez prestações e antes de finalizar o pagamento ficou desempregado e conseqüentemente deixou de pagar:

Eu comprei uma máquina de lavar e um mês depois eu fiquei desempregado. Eu morava lá em cima ainda. Lá em cima não tinha água, mas nos roubávamos água do cano, tipo clandestino. Eu não podia pagar luz também, até porque ninguém pagava, e eu seria o único a pagar na localidade? Ia pegar mal pra mim... então, eu só cheguei a pagar duas prestações. Eram 12. Eles mandavam carta de cobrança. Na época eram 20 reais por mês. Não era a queela máquina. Era um tanquinho e nem tenho mais ele, só tenho a dívida. E eles ficaram cobrando um tempão. Mas até que chegou um ponto que desistiram.

Até o nosso último contato, ele estava sem pagar o condomínio há cinco meses pois a única fonte de renda que possuía é uma espécie de mesada (que varia o valor mensalmente) que recebe de um senhor que ele chama de padrinho. Crisântemo tem esperanças de arrumar um emprego, mas reclama da falta de oportunidades.

Eu tive que fazer dívidas depois que vim pra cá. Eu ganhei de um lado e perdi de outro. Agora eu gasto muito com comida antes eu não gastava porque eu ía na igreja e eles me davam. Agora, você acha que eu morando num apartamento eles vão querer me dar? Vou sair daqui e ir lá na igreja pra fazer o que? A situação agora é outra. Eu fico com vergonha. As pessoas sabem que eu ganhei o apartamento, mas, não é a mesma coisa. Tem um rapaz que mora aqui no Morro e trabalha num açougue. Todo domingo o patrão dele me dava um frango assado. Depois que eu vim morar aqui. Nunca mais ele deu. Ele disse que eu não precisava mais. A partir daí me deu essa vergonha

2.2 Margarida

Aleatoriamente andando pelos corredores do Preventório I paro no terceiro andar. Bato na porta e sou recebida por Margarida. Mal me apresento e explico meu trabalho, e ela de forma solícita e simpática me convida para entrar dizendo: “só não repara a bagunça”. Eram quatro horas da tarde mais ou menos e ela estava enrolada no lençol assistindo televisão e bebendo cerveja com um amigo e o filho de 18 anos.

Sua sala é mobiiada por um jogo de dois sofás vermelhos, uma estante de madeira compensada onde ficam a televisão de 16 polegadas, o aparelho de som e de DVD e ao lado há uma pequena mobília com quatro gavetas. Nas paredes dois quadros de cortiça com várias fotos da família, principalmente dos filhos e dos netos, um poster de Nossa Senhora e outro de uma popular dupla sertaneja Zeze de Camargo e Luciano. Sobre a mesa, diversas latinhas de cerveja da marca *Antártica* vazias e outras ainda cheias que seriam consumidas ao ritmo do programa que viam na televisão.

No seu quarto a mobília toda é nova : um armário em madeira compensada preta e uma cama de solteiro no mesmo material que foram comprados e divididos em dez vezes nas Casas Bahia. Ao lado da cama, há a geladeira que foi dada pela AMPLA em troca da sua antiga.

Ah, eu não tinha nada lá em cima né ? Então eu comprei. Comprei meu sofá, porque o outro tava velho; comprei minha cama e meu armário; minha máquina de lavar. A geladeira o meu filho me deu uma e a AMPLA deu outra. Então fica uma no meu quarto e outra na cozinha. Não comprei antes porque não caberia isso tudo na casa que eu morava. rs”

No que se refere à adaptação à casa nova, a moradora em tom de reclamação diz que agora tem “conta de tudo” pra pagar e que além disso ela e sua família perderam a privacidade que tinham antes, pois agora não podem se dar ao luxo de fazerem reuniões com amigos, churrascos e de ouvirem música no volume que quiserem e até a hora que quiserem. Apesar de considerar legítimo o pagamento das novas contas, prioriza a do gás pois sem o gás ficariam sem comida. Relata de forma espontânea e sem demonstrar muita preocupação que naquela ocasião estava sem pagar a conta de luz e a conta do condomínio por mais de oito meses, pois era exatamente o tempo em que encontrava-se desempregada. Além destas faturas em aberto existiam também outras contas que não conseguiu pagar pelo mesmo motivo: o carnê da loja onde comprou o jogo de sofá e o fogão e o celular da filha.

Antes da mudança, morava numa casa de dois cômodos em pau a pique no alto do morro. Atualmente somente o filho mais novo está com um trabalho fixo num restaurante, onde ganha 600 reais por mês. Ela e a filha de 20 anos fazem bicos de babá, garçonete ou do que aparecer. A filha mais velha, de 22 anos tem dois filhos (2 anos e o outro de um mês de idade) e voltou a morar com ela após desfazer o casamento com um gringo (sic.).

Afirma sem muita convicção que gastam com supermercado em torno de 600 reais por mês, mas não sabe precisar o valor médio da renda mensal familiar pois tudo depende da quantidade de bicos que conseguirem fazer durante o mês. No entanto, relata que ocorrem muitas discussões em casa por causa da falta de dinheiro. Principalmente quando as filhas mexem na sua bolsa e na sua carteira e vice e versa. Fala isso olhando para os filhos e todos riem, inclusive a própria. Nesta hora, os filhos retrucam a mãe pelos erros cometidos por ela no que se refere ao descontrole com o dinheiro que gasta. Começa uma discussão leve seguida de acusações mútuas, piadas e

risos. Curiosamente o filho de 18 anos é o que parece ser mais controlado com os gastos e preocupado com o pagamento das contas.

Olha, eu acho que a conta de luz deve ser paga mesmo porque é uma coisa que a gente usa, mas podia ser mais barato porque a gente é pobre e não tava acostumado com isso. Tudo bem que aqui eu tenho um quarto só pra mim como eu sempre sonhei e meus filhos ficam no outro. Mas lá eu não pagava nada. Lá era tudo gato. Então eu só pagava o que eu consumia (comida) e o meu gás. Aqui não. Aqui eu pago tudo, então fica difícil!(Margarida)

Apesar do maior conforto que ela e sua família passaram a desfrutar, associado inclusive ao acesso de novos bens, os comentários que Margarida faz sobre a nova moradia estão muito mais associados à reclamações, tanto pelo fato de existirem muitas contas a serem pagas, quanto pelo fato de não terem mais a privacidade que tinham no morro: festas; estender roupas na janela e prestar contas de tudo ao síndico e aos vizinhos.

Quanto às dívidas acumuladas afirma de uma maneira quase despretenciosa que pagará quando puder, só não sabe quando. Existe no discurso de Margarida uma sensação de injustiça. Consciente ou inconscientemente, as despesas são vistas por ela como um fardo imposto por alguém que quer se beneficiar às suas custas. Ela nutre uma moralidade associada ao fato de que por ser pobre, necessita ser recompensada por isso.

O consumidor além de não agir passivamente, elege suas prioridades de compra e de pagamento, por menor que seja o seu orçamento. Margarida como consumidora, exerce esta ação. Os gastos com o consumo de latinhas de cerveja por exemplo e as diversões noturnas que ela e seus filhos afirmam fazer com frequência estão numa escala de preferência acima do pagamento do condomínio, por exemplo. Se tomássemos o fato de que apenas a razão prática norteia as escolhas dos indivíduos despreziáramos os códigos culturais simbólicos que estão acoplados às práticas e ao bens. Nesse caso apontariamos que o status e o prazer em ter duas geladeiras poderia ser substituído por uma conta de luz menor com o uso de apenas uma geladeira. Por outro lado encontramos uma moralidade que conduz o seu discurso. Tanto no que se refere a ideia de que pagará um dia o que deve quanto pelo fato de que por ser pobre minimiza sua inadimplência. A justificativa moral que utiliza a todo momento é que: o governo lhes

tirou um benefício (o não serviço, como água encanada e um relógio de luz e portanto, a não cobrança) e em troca, deu lhes o serviço e conseqüentemente as contas a serem pagas por ele.

Eu estou muito endividada com o condomínio. O síndico cobra, enche o saco! E cada vez ele coloca mais juro! A gente tá conversando e cada vez eu pago um pouco. Tô devendo agora só uns quatro meses (risos). Tenho também o nome no SPC porque deixei de pagar a conta de luz. Eu fiquei sem emprego então não pude pagar. Tô sem pagar há sete meses e graças a Deus não veio ninguém cortar, mas de qualquer maneira eu vou lá pra acertar. Mas eu não tenho como pagar, água, luz , condomínio, gás e ainda comer. Não dá né!?

A falta de privacidade que tanto reclama Margarida pode ser também o resultado de um desconforto ligado ao fato de que agora, quando não consegue pagar suas contas de luz, condomínio e outras, os seus vizinhos ficam sabendo da sua condição de inadimplência, logo, é reconhecida pelos mesmos, sobretudo pelo síndico, como alguém não muito confiável e que não cumpre com seus deveres. Nesse sentido, por não ter a mais a liberdade de passar invisível por determinadas práticas, a sua condição de desviante passa a ser mais evidente para si mesma e para seus vizinhos, logo, se sente injustiçada e reivindica a sua suposta autonomia de volta.

Ser apanhado e marcado como desviante tem importantes conseqüências para a participação social mais ampla e a auto-imagem do indivíduo. A mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública. Cometer o ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status.(Becker, 2008, p. 42)

2.3 Orquídia

Orquídia tem 37 anos, é empregada doméstica, tem carteira assinada, separada e mora com dois filhos adolescentes, uma de 15 anos e o outro de 18. Assim que soube que sua casa seria derrubada por estar localizada em área de risco e que passaria a morar num apartamento construído pelo governo, começou a elaborar como seria sua vida a partir de então. Com um certo sacrifício, economizou mês a mês para comprar novas coisas para a casa nova e não sobrecarregar o momento da mudança. A sua renda é de 600 reais e a pensão alimentícia que o ex-marido dá aos filhos no valor de 400 reais, (que ela faz questão de afirmar que é para a alimentação dos filhos). O filho é ajudante

de pedreiro e ganha em média 600 reais, mas ela faz questão de que ele “só use para as suas coisas” (sic.) e por isso não conta com o dinheiro dele para o pagamento das despesas da casa.

Segundo relata, sua casa anterior era pequena mas estava em obras, que foram paralisadas quando ela soube que iria “descer”(sic.) pro apartamento. Sua fala é de muita felicidade e orgulho com o que afirma ter sido uma “mudança de vida”.

Dentre as suas novas aquisições estão: um jogo de sofá de dois e três lugares; móveis de quarto para ela e para os filhos, mesa e quatro cadeiras em madeira, máquina de lavar, fogão e geladeira. Além dos planos para a compra de uma estante nova e de uma televisão melhor quando tiver terminado de pagar a mobília de quarto que comprou para a filha.

Não comprei antes essas coisas porque as coisas novas não mereciam a casa antiga. Era muita poeira. Não tinha piso. Quando a gente soube que ia ganhar o apartamento, fiz mais ou menos a previsão de um ano. Então eu fui comprando as coisas aos poucos. Então eu fui deixando as coisas na casa da minha irmã, na casa da minha tia, e aqui eu só comprei mesmo da Alessandra e o meu que vai chegar na semana que vem; aí depois vou comprar a estante.

Esta fala de Orquídia é fundamental para pensarmos a relação social que os indivíduos estabelecem com as coisas e como dão vida à elas. Os bens domésticos, novos ou não, marcam e possuem uma história de vida que tende a ser diferenciada por também por conta da espacialidade que ocupam. O seu discurso demonstra carinho com as coisas compradas pois na verdade esse carinho é com ela mesma e com a sua família.

Assim como os indivíduos, a casa também possui uma “vida”, vida esta que é personificada pelos seus donos através dos mais variados tipos de investimentos, tais como: obras de arte; mobílias e disposições das mesmas; quadros e adornos, características e experiências vividas pelos seu donos; cheiro e sobretudo, sua localização espacial e geográfica.

A coisa mais cara que eu comprei foi o armário da Alessandra. Mas também foi do jeito que ela queria: todo espelhado! Lindo. Merecer, as vezes ela não merece não porque ela é muito malcriada e respondona. Mas ela ficou muito

feliz e eu fiquei mais feliz de poder dar a ela uma coisa que ela sempre sonhou.

Miller (2002) sustenta que uma compra pode ser em muitas situações um ato de amor, tal como a declaração feita por Orquídea. O sacrifício do pagamento, de “ficar apertada” por um tempo valerá à pena se for para ver a satisfação de quem se ama. Sobretudo se for para somatizar um objeto novo numa casa nova, dois sonhos realizados.

Comprar é antes de mais nada um ato de amor, e por isso, em sua percepção as compras tornam-se um dos meios mais fundamentais par a construção dos relacionamentos de amor e carinho na vida prática. Isso equivale a dizer que comprar não apenas reflete o amor, como também é um modo maior de ele se manifestar e reproduzir. Poderíamos usar outros termos que não o amor. Carinho, preocupação, obrigações, responsabilidade e hábito desempenham seus papéis nesses relacionamentos.(Miller, 1998, p.32)

De acordo com Miller (2002) a relação do ato de comprar com o sacrifício, se refere àquela situação em que tudo que estava concentrado na acumulação de recursos está prestes a se transformar no momento em que esses mesmos recursos serão gastos. Portanto apesar das possíveis renúncias de conforto num determinado momento, a concretização das compras finalmente fez valer à pena todo o período.

Para realizar o investimento nos novos bens, Orquídia se viu obrigada a pagar uma dívida feita por um irmão, nas Casas Bahia, que na ocasião lhe pediu para que comprasse um aparelho de som em seu cartão de crédito e acabou não lhe pagando. Caso a mesma não pagasse neste momento não poderia realizar, segundo ela, o sonho de ter uma casa com “tudo o que se tem direito.”(sic.).

Orquídea relata que faz questão de pagar em dia o condomínio e a conta de luz pois acredita que é através do pagamento que se tem o direito de reclamar quando as coisas não funcionam:

Lá em cima eu tinha gato, mas achava isso errado. Acho que a gente tem que pagar pelo que a gente consome, até porque se alguma coisa não funcionar

direito a gente tá no direito de ir lá, ligar e reclamar pra eles consertarem, mas com o gato a gente não tem direito de reclamar nada.

2.4 Gardênia

Doméstica com carteira assinada, 36 anos, mora com os três filhos de 13,10 e 5 anos e até uma semana antes do nosso encontro, morava também com o marido que foi preso por agredí-la. A postura de Gardênia no que se refere ao apartamento é antes de tudo de alguém que “venceu”. Ela conta com um certo orgulho a sua vida de sacrifícios e “batalha”(sic.) e também de seus trinfos. Nesse caso, a ida para o apartamento simboliza a medalha de ouro por tantas tentativas, decepções e até que enfim, a vitória gloriosa.

Estudou até a terceira série do ensino fundamental ao casar-se ao 17 anos, contra a vontade de sua família foi morar na Favela do Preventório com o marido numa casa de pau a pique, que segundo ela, estava em “péssimas condições” (sic.). “Tinha só um cômodo e uma varandinha. E quando chovia todos ficavam preocupados esperando que o pior pudesse acontecer.” Por outro lado, o apartamento em que moram atualmente, nem de longe parece lembrar as descrições feitas por ela da moradia anterior.

Eu fui juntando, juntando e consegui juntar 1050 reais e consegui comprar essa estante e o armário à vista e a minha irmã tirou aquele grande pra mim que eu parcelei junto com o armário da cozinha, que eu não tinha...Eu não comprei antes porque eu ia colocar aonde? Não tinha espaço. Esse sofá eu ganhei da minha irmã. Minha irmã tirou também essa televisão pra mim, tudo aos poucos. Ela mora lá no outro prédio. A minha irmã comprou um sofá pra ela e deu esse antigo dela pra mim. Ela é muito boa pra mim”.

Mostra-se extremamente obstinada para realizar o sonho de comprar novos bens para a sua casa e deixá-la bonita e arrumada, ainda que seja através de economias e sacrifícios. Admite ter feito muitas dívidas para comprar o mobiliário e a máquina de lavar (fez questão de comprar a marca Brastemp que é mais cara pois acredita ser a melhor), por outro lado, comenta que somente parcelando e criando dívidas é que poderia comprar as coisas para a sua casa. Seu ex-marido tem dificuldades para se manter empregado então ela é que sempre arcou com as despesas sozinha. Além do salário mínimo que recebe mensalmente, sua filha, por ter um problema de saúde que

requer cuidados, recebe um auxílio do mesmo valor do governo do Estado para facilitar o tratamento. Soma-se então, dois salários mínimos de renda familiar mais cem reais de bolsa família que recebe pelos filhos que estão na escola.

O inconveniente para fazer novas compras à crédito é que há cinco anos comprou uma geladeira no seu cartão a pedido de uma cunhada, que não lhe pagou o valor devido, fazendo com que seu nome fosse para o serviço de proteção ao crédito: SPC. A partir daí, foram muitas as discussões familiares e até mesmo o corte da relação de amizade. Por conta disso sempre que precisa fazer uma compra parcelada recorre a sua irmã, com quem tem uma grande relação de cumplicidade e que não tem o nome sujo. Quanto às novas despesas de luz e condomínio ela reclama sobre os valores:

O lado ruim de morar aqui são as contas que são altas. O condomínio é certo 60 reais todo mês. A minha conta de luz não vem menos de cem reais. Eu achava que eles deviam ter feito negócio de baixa renda (*cadastro de baixa renda*), pois eles sabem que o pessoal daqui é pessoal humilde e que veio de cima. Já me disseram que geladeira velha puxa muita luz, pode ser isso também né. A minha conta de gás vem 39 reais e o boião que era 42 reais durava dois meses. Aí eles dizem que o fogão deve tá velho, que a geladeira deve tá velha e puxa muita luz, mas a gente que é pobre não tem condições que trocar tudo.”

2.5 Seu Cravo e Dona Rosa

Seu Cravo, 40 anos, se sente um privilegiado por trabalhar como vigia em frente ao prédio em que mora, ou seja, no Catamarã da Estação Hidroviária de Charitas. Ele mora há oito anos na região com o filho de 10 anos e sua esposa Rosa, da mesma idade, cozinheira encostada pelo INSS.

Cravo é cearense e veio para o Rio de Janeiro quando completou 18 anos de idade pois acreditava que teria uma vida melhor do que a de sua família de origem. Antes do seu ofício atual trabalhou como garçom e operário em fábrica de sardinhas. Dona Rosa é cozinheira mas por conta de problemas emocionais e psicológicos, se afastou temporariamente do serviço por ordens médicas.

Ao perguntar-lhes sobre o aumento das despesas com a ida para o apartamento, os dois concordaram que este aumento foi justo e necessário para pagar o conforto, o bem estar e a autoestima que não tinham antes.

A gente morava antes em São Gonçalo. Aquele lugar longe e feio. Daí a gente veio tentar a sorte aqui. E fomos morar na última casa do morro, encostada na pedra, mas era pra ficar perto das coisas, do mar, de Icaraí. Meu filho faz tudo aqui e em Icaraí. Ai veio Deus e deu esse presente pra gente: esse apartamento. Joguei muita coisa fora, tinha coisa que nem tava tão velha, mas ainda prestava, e a gente queria vir pra cá com tudo novinho então fomos comprando aos poucos, mas tudo à vista. Por que à vista? Porque o nome da gente antigamente tava sujo, então a gente tinha medo de repente chegar lá e estar sujo ainda e a gente passar vergonha, porque a gente não conseguiu pagar ainda. Então a gente vai comprando devagarzinho. Lá em cima era tudo direitinho, mas não trouxe muita coisa porque queria começar aqui com as coisas novas. (Dona Rosa)

Compraram após a mudança: um jogo de sofá, um fogão, uma mesa de madeira compensada com cadeiras, armários de cozinha, além de artigos de decoração como quadros e vasos de planta. Não compraram antes porque segundo eles, o local onde moravam era muito alto e acesso para a entrega era muito difícil. Segundo Rosa, a família morava numa casa com telha Brasilit e por conta disso ela sempre tinha a impressão de que qualquer chuva poderia causar algum desabamento. A insegurança era tanta que Rosa foi diagnosticada pelos médicos com síndrome do pânico. Porém, mesmo com as dificuldades que possuíam, Rosa tem orgulho de dizer que sempre nutriu hábitos “de gente rica”, como por exemplo, fazer questão de tomar café em xícara e nunca em copo. “O meu médico falou que eu fiquei em depressão por não aceitar ser pobre”.

A renda da família é o salário de 900 reais do senhor Cravo. As despesas fixas (condomínio, luz e gás) giram em torno de 300 reais, valor que não consideram alto. Por outro lado, o mesmo afirma que é não é econômico e sempre gasta mais do que ganham, pois não consegue se controlar principalmente no supermercado ao ver os produtos alimentícios que gosta. Por isso sempre busca alternativas para aumentar a renda fazendo bicos como segurança ou na pior das hipóteses pedindo emprestado a amigos em casos drásticos, o que acaba aumentando suas dívidas. Rosa relata que precisa ficar controlando o salário do marido para que ele não gaste demais.

A sala do casal é mobiliada da seguinte forma: um jogo de sofá de dois e três lugares; uma mesa branca retangular e quatro cadeiras, um rack para a televisão (de 20 polegadas), o aparelho de som e aparelho de DVD. Ao lado de cada sofá um grande vaso de plantas.; dois quadros na parede e tapete com motivos orientais. Na cozinha tem a geladeira que “ganhou” da AMPLA, o fogão, microondas, que foi trazido da casa antiga assim como o aparelho de grill e a máquina de lavar louças. Os armários da

cozinha brancos estão combinando em termos de cor e disposição com os eletrodomésticos. Eles foram adquiridos também após a mudança. A máquina de lavar da casa é um “tanquinho”, uma espécie de máquina de lavar que lava a roupa mas não centrifuga, ou seja, após a lavagem é preciso torcer na mão mesmo. O sonho de consumo do momento é uma “boa máquina de lavar” que faça o serviço completo. Segundo Cravo, adquirir dívidas faz parte da vida:

“Quando você vem pra uma moradia melhorm você se sente estimulado a esquematizar um outro plano pra sua vida. ‘Como eu sou uma pessoa muito caseira eu já botei na minha cabeça que eu vou comprar uma televisão grande de LCD até o final do ano’”.

Há cinco anos compraram nas *Casas Bahia* um aspirador de pó, um jogo de jantar e uma televisão, mas não conseguiram pagar todas as prestações por falta de planejamento, segundo Rosa. Além desta dívida em aberto, possuem débitos com a companhia telefônica, pois conta que a filha na época adolescente, usava muito o telefone e as contas foram se acumulando, até que se tornou inviável pagá-las, por isso o nome de ambos encontra-se no SPC.

A gente pode ficar com dívidas, mas a luz, o condomínio e o gás tá em jogo o nome da gente né? Quando a gente morava de aluguel a dona falava que a gente podia até atrasar o aluguel mas que não atrasasse a conta de luz, porque ela fica no nome da pessoa. Aqui também, o relógio tá no nome dele. Eu fico muito nervosa com esse negócio de pagar as contas. Mas as contas da casa são as mais importantes. Assim que ele recebe a gente paga elas e o que sobrar a gente vai vendo as outras coisas, como prestações, se for o caso.

Apesar das dívidas e da consciência moral que a todo momento é acionada pelo casal, no que se refere à necessidade de diminuição das dívidas, existe um bem estar latente que exala em ambos quando falam sobre a mudança para o apartamento.

Conclusões

Abel-Smith e Townsend economistas citados por Douglas e Ishewood, (2005, p.57) sustentam que “*Pobreza é um conceito relativo. Dizer quem está na pobreza é fazer uma afirmação relativa, como dizer quem é baixo ou pesado.*” Contudo, uma das formas de se perceber pobreza no Brasil está relacionada a questão da casa. Não apenas em ter ou não ter uma casa, mas sobretudo, nas qualidades que essa casa possui. As suas características físicas, bem como o local onde ela está inserida, tende a estimular a

criação de múltiplas representações sobre a identidade e a posição social dos indivíduos que nela vivem. Favela é referencial para pobreza bem como morar numa mansão denota luxo e riqueza.

Neste sentido, a mudança de casa, pode significar no campo das representações daqueles que mudam e daqueles que observam, uma “mudança de vida”. Tal como o exemplo do senhor Crisântemo que mesmo continuando na condição de desempregado não se vê mais como um pobre favelado e com necessidade de receber uma cesta básica na igreja, da mesma forma que o vizinho deixou de considerá-lo pobre ao ponto de não lhe ajudar mais com o almoço de domingo.

Por outro lado, poucos foram os moradores que se viam como pobres mesmo quando moravam nos seus casebres no morro, pois a idéia de pobreza no Brasil vai além da quantidade de posses do sujeito, está ligado a valores morais, estado de espírito, à saúde e disposição para o trabalho e para a vida. Margarida, desempregada e com várias contas vencidas comenta: “Eu não me sinto pobre não. Eu sou rica de saúde. Sou normal. Pobre é aquele que tá lá debaixo da ponte e do viaduto e que não tem o que comer.”

O consumo e a aquisição de novos bens domésticos certamente contribuiu para sensação de "bem-estar" e as novas representações sobre si , no entanto, existem elementos que garantem conforto e que podem ser considerados insubstituíveis, como por exemplo a idéia de privacidade e liberdade que muitos afirmam terem perdido com a ida para os apartamentos.

Os sacrifícios de compras, realizados em muitas ocasiões às custas de endividamento é o preço pago para ter conforto que se espera. De acordo com Miller, este tipo de consumo se aproxima da idéia de sacrifício religioso pois: “ refere-se a todo trabalho que foi necessário para a obtenção do dinheiro que será gasto e que poderá estar carregado com os ressentimentos, com as conquistas e com toda a pletera de outras experiências provenientes do trabalho. Logo os bens gastos em sacrificio, sao bem gastos”.(Miller, 2002, p. 108)

Não existe um tipo ideal de consumidor-morador do Pac ou da favela. Existem variados tipos. Porém se é válido ressaltar que dos casos analisados o aumento do consumo de bens foi observado em sua totalidade, o receio do endividamento ou a pré

disposição para a construção de dívidas já existia antes da mudança de endereço. O cuidado em relação ao acúmulo de dívidas é ainda uma preocupação moral. Pois a maioria dos moradores que não estão dando conta das dívidas atualmente no apartamentos, já estavam endividados antes, portanto não foi a mudança no esquema de despesas que alterou esta codificação moral.

Referências Bibliográficas

BECKER, Howard. *Outsiders*. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2008

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro, Rocco. 2000

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro, Editora UFRJ. 2006

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif. p. 183-314. 2003

MILLER, Daniel. *Teoria das compras: o que orienta as escolhas dos consumidores*. São Paulo, Nobel. 2002

NERI, Marcelo. (2010). A nova classe média. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS. Disponível em: <http://www3.fgv.br/ibrecps/M3/M3_ANovaClasseMedia_Port_2.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2011.

YACCOUB, Hilaine. Atirei o pau no “gato”: uma análise sobre consumo e furto de energia elétrica (dos “novos consumidores”) em um bairro popular de São Gonçalo – RJ. Dissertação (Mestrado em Antropologia)–Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2010

<http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/saude/msau31.pdf>